



## Universidades Lusíada

Freitas, Jorge Penim de

### **A batalha de Montes Claros vista por um oficial Inglês**

<http://hdl.handle.net/11067/5635>

#### **Metadados**

**Data de Publicação**

2009

**Resumo**

A batalha de Montes Claros (17 de Junho de 1665) vista por um oficial inglês. Transcrição e tradução anotada de um manuscrito inglês de 1665, narrando a campanha desse Verão no Alentejo e a batalha de Montes Claros, segundo a perspectiva de um oficial do regimento de cavalaria inglesa que nela combateu...

The battle of Montes Claros (17th June 1665) as seen by an English officer. Transcription and translation into Portuguese, with notes, of an English manuscript of 1665, narrating that summer's campaign in Alentejo and the battle of Montes Claros, according to an officer of the English Regiment of Horse....

**Tipo**

article

**Revisão de Pares**

Não

**Coleções**

[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 05-6 (2009)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-20T09:02:49Z com informação proveniente do Repositório



**A BATALHA DE MONTES CLAROS VISTA  
POR UM OFICIAL INGLÊS**

**“A RELATION OF THE LAST SUMMERS CAMPAGNE IN THE KINGDOME  
OF PORTUGALL, 1665”, ANONYMOUS (BY AN OFFICER OF AN ENGLISH  
REGIMENT OF HORSE), 23 JUNE 1665.**

**THE NATIONAL ARCHIVES, LONDON, STATE PAPERS PORTUGAL, SP 89/7**

**Jorge Penim de Freitas**  
jorpenfreitas@hotmail.com







### **Resumo**

A batalha de Montes Claros (17 de Junho de 1665) vista por um oficial inglês. Transcrição e tradução anotada de um manuscrito inglês de 1665, narrando a campanha desse Verão no Alentejo e a batalha de Montes Claros, segundo a perspectiva de um oficial do regimento de cavalaria inglesa que nela combateu.

### **Palavras-chave**

Século XVII / Guerra da Restauração / Regimento de cavalaria inglesa / Batalha / Montes Claros.

### **Abstract**

The battle of Montes Claros (17th June 1665) as seen by an English officer. Transcription and translation into Portuguese, with notes, of an English manuscript of 1665, narrating that summer's campaign in Alentejo and the battle of Montes Claros, according to an officer of the English Regiment of Horse.

### **Key words**

17th century / War of the Portuguese Restoration / English Regiment of Horse / Battle / Montes Claros.



O manuscrito que aqui se apresenta nunca tinha sido traduzido para português nem publicado, embora o seu título seja referido num catálogo da Academia das Ciências de Lisboa sobre documentos relativos a Portugal existentes no “Public Record Office” de Londres (hoje, “The National Archives”)<sup>1</sup>. Trata-se de uma relação anónima da batalha de Montes Claros (17 de Junho de 1665), escrita por um oficial do regimento inglês de cavalaria que nela participou. Pela sua natureza de testemunho do homem combatente, é um documento raro no contexto da Guerra da Restauração, ainda mais provindo de um militar estrangeiro. O autor, cujos recursos narrativos e estilísticos são limitados, poderá ter sido um oficial subalterno – provavelmente tenente ou alferes (*cornet*, na equivalência inglesa) – de uma das companhias do regimento que em 1662 entrou ao serviço da Coroa portuguesa. O seu discurso não deixa transparecer qualquer iniciativa própria de comando, ao contrário do que seria de esperar de um oficial com patente de capitão ou superior que tivesse, pelo menos, uma companhia sob as suas ordens. No entanto, não é de afastar de todo a possibilidade do autor ter ocupado outro grau na hierarquia.

A relação descreve com algum detalhe o sucedido no quotidiano da campanha – marchas, escoltas, ordens e contra-ordens – sem se afastar muito do microcosmos militar onde se integra a unidade do autor. A par de juízos de valor e de pormenores curiosos, como a descrição do traje de algumas unidades, surgem algumas lacunas onde seria de esperar maior precisão. Exemplo deste caso é a omissão dos efectivos totais do exército português, que o autor pretendia acrescentar mais tarde ao manuscrito (daí ter deixado espaços em branco no texto), mas que acabou por não concretizar. Ao entrar na descrição da batalha, o registo torna-se mais precipitado e confuso, evidenciando o efeito do *nevoeiro de guerra*, na apropriada expressão de John Keegan. Os pontos fulcrais do confronto entre os dois exércitos parecem desenrolar-se em torno da unidade do narrador e quase exclusivamente no seu sector: as primeiras linhas de cavalaria da ala esquerda – compostas por portugueses e franceses – que cedem e se põem em fuga, a perseguição feita pela cavalaria inimiga, a primeira contra-carga e, numa fase posterior, a segunda carga do regimento inglês que, segundo o autor, salva

<sup>1</sup> *Descriptive List of the State Papers Portugal 1661-1780 in the Public Record Office London*, vol. I (1661-1723), revisão do texto e compilação do índice onomástico por J. C. Aldridge, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1979.

o dia que parecia perdido para o exército português. Uma perspectiva restrita, mas que não pode ser ignorada no contexto de outras reconstruções coevas dos eventos.

O tom geral do documento, de exaltação gloriosa e exagerada dos feitos de armas, não difere de outros discursos propagandísticos do período. O mesmo sucede com as insinuações depreciativas que são lançadas pelo autor aos estrangeiros companheiros de armas, com excepção para o Marquês de Marialva, o comandante-em-chefe a quem é reconhecida bravura e sangue-frio. Num idêntico patamar de admiração é colocado o Conde de Schomberg, comandante das forças anglo-francesas ao serviço de Portugal, adoptado pelos ingleses desde o primeiro momento como um dos seus<sup>2</sup>. Todavia, o manuscrito não se dirige a um público curioso das novas da guerra, mas a uma audiência mais restrita e poderosa no país de origem do autor.

Chegado ao nosso país em 1662, na sequência do tratado de aliança celebrado entre as Coroas de Portugal e de Inglaterra, o contingente inglês (na sua maioria constituído por homens que haviam feito parte do exército de Cromwell) viu-se remetido a um país estranho à vivência mundana e religiosa dos seus militares, sofrendo privações devido à falta de pagamentos, enfrentando a hostilidade – por vezes aberta – de civis e militares portugueses nos locais de alojamento. Foi acumulando perdas nos grandes combates travados entre 1663 e 1665: batalha do Ameixial, tomada de Valência de Alcântara, batalha de Montes Claros. Em todos estes momentos se distinguiu como força combatente, confirmando a confiança que o Conde de Schomberg depositava nos experientes militares ingleses<sup>3</sup>. Todavia, em 1665, os elementos que restavam do contingente desesperavam por não cair no esquecimento do seu rei. Desde Março desse ano que a Inglaterra enfrentava as Províncias Unidas, na segunda guerra do século entre aquelas potências marítimas. O teatro de operações português era secundaríssimo, não chegavam reforços desde 1664 e a diplomacia inglesa apostava numa mediação para a paz entre os dois vizinhos ibéricos. Maus ventos para a oficialidade que esperava ser recompensada na ocasião do regresso a casa, eventualmente com um novo cargo ou posto no exército, ou uma pensão.

O bom desempenho numa importante batalha campal ajudariam a concretizar esses objectivos. Para esse fim, era necessário comunicar, ainda que eventualmente exagerando, o desempenho das forças inglesas. Não seria de esperar que estas ocupassem papel destacado nas relações impressas que os portugueses publicavam após as grandes refregas – fora assim em anteriores ocasiões, a respeito das vitórias no Ameixial e Valência de Alcântara<sup>4</sup>. O manuscrito

<sup>2</sup> Cf. HARDACRE (1960), pp. 116-117.

<sup>3</sup> Sobre a composição do contingente inglês e a sua permanência em Portugal veja-se FREITAS (2005), pp. 48-49; idem, (2006), pp. 245-246 e *passim*; idem (2007), pp. 94-96 e *passim*.

<sup>4</sup> Veja-se a este respeito a polémica levantada por John Colbatch a propósito da participação das forças inglesas na batalha do Ameixial e do seu contributo para a vitória das armas portuguesas. Alguns oficiais veteranos do contingente sentiram-se ofendidos pela omissão do que afirmavam ter sido

remetido a Inglaterra, reportando o sucedido na campanha do Alentejo no Verão de 1665, pode ser visto como um exercício desse propósito de visibilidade. Não necessariamente para um público numeroso, que não teria muito interesse numa guerra remota e quase desconhecida, mas junto de esferas mais elevadas da hierarquia social. Havia, entre os militares ingleses em Portugal, proximidade familiar ou de clientela política a diplomatas e conselheiros de Carlos II: o capitão Andrew Maynard, irmão do cônsul em Portugal, Thomas Maynard, servia no regimento de infantaria inglesa comandado pelo tenente-coronel Sheldon; e, mais próximos do autor do manuscrito, os irmãos Trelawney, Edward e Francis, capitães no regimento de cavalaria, com ligações políticas ao Conde de Clarendon, conselheiro de Carlos II<sup>5</sup>.

O manuscrito original compreende três folhas escritas na frente e verso, terminando o texto na parte superior do verso da terceira folha. As folhas foram numeradas em época posterior, por meio mecânico, somente na frente, estando o texto da narrativa compreendido entre as folhas 48 e 50 v. O documento é aqui transcrito em duas versões: na primeira, em língua inglesa, respeitando na íntegra o texto original; na segunda, traduzida para língua portuguesa, modernizou-se o uso das maiúsculas, introduziu-se alguma pontuação para melhor entendimento do texto e corrigiram-se os nomes próprios. As anotações explicativas foram inseridas nesta segunda forma.

## 1. Transcrição do texto original

[fl. 48]

A Relation of the last summers Campagne in the Kingdome of Portugall  
1665

The spanish Army drew out of Badajos the [ ]<sup>6</sup> of June s: n: They incamped at the Riuer Sheuara, about the 8 of June they incamped at the Riuer Cae well in sight of Eluas, then at the fountaine of Sapetera 2 leagues on this side Eluas & the next day at Borba two leagues of Veliuishosa. The 14 they layd seidge to the Castle of Villauihosa which is the strongest hole in all Portugall & I beleeeue not many stronger in the world.

o papel decisivo dos ingleses naquela batalha, logo que saiu à estampa o segundo volume da primeira edição (póstuma, 1698) da *História de Portugal Restaurado*. Cf. COLBATCH (1700), pp. 136-147, e ERICEIRA (1946), vol. IV, nota H (de António Álvaro da Silva Dória), pp. 549-551.

<sup>5</sup> Em Montes Claros, o contingente inglês alinhou dois regimentos de infantaria, comandados respectivamente pelos tenentes-coronéis John Rumsey (devido à ausência em Inglaterra do coronel Pearson, comandante efectivo) e William Sheldon (substituindo o coronel honorífico, que era o próprio Conde de Schomberg), e um regimento de cavalaria comandado pelo filho mais velho do Conde de Schomberg, o Marquês de Schomberg. Cf. *Relación verdadera...* (1665), pp. 23-24, e CHILDS (1976), pp. 237-239.

<sup>6</sup> Espaço em branco.

About the first of June all the forces of the other Prouinces as Algaruy meina Byra & drew into Alentera where the Enimy whole designe lay, About the 8 of June all the English & french horse which lay within 4 to 8 leagues of our head quarters Estremoz had orders to march to the place, my Lord Shonburgs Regiment of English foot had the same orders but the Enimy lyeing between them & home which was vnexpected which impeded their marches, the other Regiment of English foote lay at Portulegree, at which place as it was then supposed the Enimy had a design on: this a strong place so Colonell Person's Regiment had orders to stay there vntill farther order. In our march toward Estremos from our generall quarters my Lord Shonburg Major of his french Regiment of horse one Mounseir Solimon mett with an out party of the Enimy which made the french run with the losse of 14 or 15 horse & followed them within a little of the head quarters. The 9<sup>th</sup> the whole Body of horse that then was at Estremos drew out towards the Enimy about a league & halfe of Estremos when we drew out 4 Battalions, 2 portuguese, & 2 french vnder the command of Don Joao de Sylua a Lieutenant Generall to discouer what strength the Enimy was of & to fall vpon the scattering parties there went a great many volenteers of Portugueses & french & Lieutenant Colonell Shelden the only volenteer of the English he then haueing nothing to doe by reason the Regiment that he was Lieutenant Colonell too was then at Eluas, they stayed out 2 days before they returned & brought in about 8 or 10 prisoners who said their Army consisted of 6000 horse & 12000 foote which was according to a proclamcõ that the Marquiss of Caresen had ordered to be proclaimed through his whole Army at their first comeing to the towne of Burba. we drew in all / [fl. 48 v] the whole Army of horse that night to our head quarters Estremos except that partie that went out with Don João de Sylua. The 10 Instant the whole Body of our horse drew out againe towards the Enimy who then lay before Villauitiosa Castle they haueing then gotten the towne with very little resistance or losse, we halt about a mile & halfe of Estremos about 2 hours after which tyme all the french & English horse & part of the Portugueses had order to returne to their respectiue quarters which were 4. 6. 8. 10 leagues. This order very much surprised much of vs, being we were to take with vs 6 days prouision. That night we came to our quarters at fronteera 4 leagues of from the head quarters. All this tyme the Enimy had made the approaches towards the Castle & had begun their Batteries, their Artillery played both day and night the reason was for the dispersing of those horse at that tyme was two, one was for garding the Country for the bringing of prouision to the head quarters, the other for the Conuoying of the foote from their seuerall garrisons to Estremos. The 12 Instant the Regiment of the English horse convoyed 6 Regiments of foote which came from Portulegree to Sussll a towne where lay the Conde Maryes Regiment who there receeued them & conuoyed them to Estremos, one of them was Colonell Pearsons Regiment & that night we returned to our quarters The 14 we had orders to repaire to Estremos where we came that night, when all the force the King of

Portugall could make then mett which was [ ]<sup>7</sup> foot & somany horse The Enimy by this tyme had made a very great progress in his Attax on the Castle farr greater then could be beleueed by vs on so impregnable a place as this. The 14 Instant the Enimy had made their approaches to the Stocados, and there intrencht themselues & forced the Portugueses to leaue those trenches. The 15 they stormed the counterscarfe in which they receeued a repulse with very great losse about 25 or 30 reformade Officers / [fl. 49] were kild besides 400 men all of them strangers & the greatest part of them Irish. The 17<sup>th</sup> Instant our whole Army both horse and foot marched out of Estremos towards the Enimy about 8 of the clock in the morning & about 10 we discouered the Enemy drawn vp in Battalia before that we could march to our post Our Artillery at two seuerall places were playing on the Enimy The English foote & horse were ordered to be in the first line & before the Army was a quarter drawn vp Our Regiment of horse and 3 Regiment of french horse with Count Shonburgs Conde Maria & Mounseir Brickmon had orders to march to the left wing & were placed in the 3<sup>rd</sup> line sawe we could hardly come to our ground, before our 2 first lines were routed all to peeces The first were Portugueses the Conde of St Johns men & the other was Count Shonburgs lifeguarde of horse in red coats and white Crosses they came back in a great disorder & confusion for some of them saw Estremos before they lookd who were behind them they were charged by the German horse all clothed in buff coates no men in the whole world could nor did charge with better courage then they did, one of those Regiments was Prince Ruberts when he serued in Germany and seuerall of those colours that his highnes gaue to the Regiment were taken. The 2 first lines being tottaly beaten made the feith looke very ill on our side & in so much that many of our Generall Officers were ridein as fast as they could for Estremos, which would haue lost the field had there been no other cause but the want of Officers of Orders which we saw none in neere two houres after the fight begun: The Marquiss of Mary Alua our Generall was that day very active & I am Confident he would haue been the last man that would haue left the feith with Count Shonburg who seeing our left wing in this Condition could not imagine what to do but sent to know wheather the English were / [fl. 49 v] presently where vpon he saw the Enimy putt to a stand and in an Instant beaten back to their first ground for as soone as euer we could perceiue our men that were beaten past into our interuales & the dust & smoak being cleared but we and the Enimy were horse head to horse head the Enimy being in so good an order as euer I saw men in my life, who immediately spent their fire vpon vs, so we gaue them the returne of our thanks in the smoak of which they vanished, but that was no sooner done but a fresh Battalia ingaged vs which also routed & beate back beyond their first ground so that at last we we [sic] were gotten into a ring with the Enimy on euery side of vs, & had we not made a sudden halt we had been vtterly vndone, a whole Battalia of the Enimy broake & leaue through

<sup>7</sup> Espaço em branco.

our 4 lines & marched about to our rightwing & in the goeing off mett with Count Shonburgs french Regiment of foote who they paid for running away Count Shonburg seing what we had done cried out the feild will ours<sup>8</sup>, we perceiueing that the Enimy was a great behind & on euery side we whild to the left & retreated to a Body of Portugues foot that was a good distance behind vs supposeing that if the Enimy had charged vs on all sides we might make our retreat good to that Body of foote, we no sooner came within shott of them but they all fired on vs beleeuieing vs to be the Enimy by which fire we receeued more damage by loss of horse then we did by the Enimy & some men: By this tyme the Enimy aduanced againe and we gaue them the other Charge with as great success & victory as we had before and had we had any Generall officers to guid vs order to follow that aduantage the Enimy would not haue gon out of the feild / [fl. 50] The field [sic] with any intire Body but from the beginning of the Engagement to the last we could not see a man of Orders the English Regiment of horse was deuided into 3 Battaies between 80 or 100 horse in a Battalia Command by the Colonell, Lieutenant Colonell & Major, the first charge we charged the Prince of Palmas owne Regiment who had so gallantly routed our 2 first lines, the next we charged a Regiment of German horse Commanded by Colonell Rabat who was killed in the place, the Prince of Palmas owne Battalia charge the Majors in which charge he had the good fortune & honour to bring of his owne standard also some of our Regiments brought two standarts which were formerly Prince Ruberts it is said that that [sic] Regiment was neuer before beaten it was their ill fortune to meet with the Inglish by this tyme our English foote though very inconsiderable in number driued all before them when greater numbers of other strangers turned their backs instead of their faces to the Enimy. We did not want people amongst vs to tell vs that the English forces were totally beaten & routen on the left; yet notwithstanding all disincouragements whatsoever Envie itselfe shell neuer haue just cause to say that this party yett in all their Actions haue not performed more then Could be expected from such an [sic] number of men & what is fitt to be done by the King of England subjects whoes glory & honour by Gods assistance must be known all the world ouer to the temour of his Enimyes & the happines of his Aliencies. This Engagement continued 6 hours & for the 2 first all judgements did beleeeue the day would haue proued the Spaniards it had bin infallably so had not the English in the nic of tyme putt a stop to the Carreere of the Enimy I may lawfully say this being it is generally acknowledged. the horse in both Armies that day was drawen vp in 4 lines & the foote the 4 line of ours did not ingage & the 4 of the Enimyes marched off with an intire Body This Battle / [fl. 50 v] was fought in montes Claros a League & halfe from Estremos & it was neere so much from Veluishosa. On the 17<sup>th</sup> of June S. N. the Enimy had neere a 1000 horse & 2000 foote left to beseidge the Castle.

<sup>8</sup> "Will be ours" seria a expressão correcta.

## 2. Tradução

### Uma Relação da Campanha do último verão no Reino de Portugal, 1665

O exército espanhol saiu de Badajoz em [ ]<sup>9</sup> de Junho. Acamparam no rio Xévora, por volta de 8 de Junho acamparam no rio Caia bem à vista de Elvas, depois na Fonte dos Sapateiros, 2 léguas desta parte de Elvas, e no dia seguinte em Borba, duas léguas de Vila Viçosa. A 14 puseram cerco ao castelo de Vila Viçosa, que é o mais forte tugúrio em todo Portugal e eu creio não muitos mais fortes no mundo [*existirão*].

Perto do primeiro de Junho, todas as forças das outras províncias como Algarve, Minho e Beira, etc., entraram no Alentejo, onde todas as intenções do inimigo assentavam. Por volta de 8 de Junho, toda a cavalaria inglesa e francesa que se encontrava entre 4 a 8 léguas do nosso quartel-general, Estremoz, teve ordens para marchar para a praça. O regimento de infantaria inglesa de meu Senhor Schomberg tinha as mesmas ordens, mas o inimigo, encontrando-se entre eles e casa, o que era inesperado, atrasou as suas marchas; o outro regimento de infantaria inglesa estava em Portalegre, em cuja praça era então suposto que o inimigo teria interesse; esta [*era*] uma praça forte, pelo que o regimento do coronel Pearson teve ordens para permanecer ali até novas ordens. Na nossa marcha para Estremoz desde os nossos alojamentos, [o] major do regimento francês de cavalaria de meu Senhor Schomberg, um Monsieur Solomon<sup>10</sup>, encontrou um destacamento do inimigo, o qual fez os franceses fugir com a perda de 14 ou 15 cavalos e os perseguiu até bem perto do quartel-general. A 9, todo o corpo de cavalaria que estava então em Estremoz saiu em direcção ao inimigo, cerca de uma légua e meia de Estremoz, quando dispusemos 4 batalhões<sup>11</sup>, 2 portugueses e 2 franceses, sob o comando de D. João da Silva<sup>12</sup>, um tenente-general, para descobrir qual era a força do inimigo e para atacar os destacamentos dispersos, ali foram muitos voluntários portugueses e franceses e o tenente-coronel Sheldon<sup>13</sup>, o único voluntário dos

<sup>9</sup> Espaço em branco, no original.

<sup>10</sup> *Mounseir Solimon*, no original. Este oficial do regimento de cavalaria francesa do Conde de Schomberg morreria em combate em 1666. Cf. ERICEIRA (1946), IV, pp. 347-348.

<sup>11</sup> Formação táctica da cavalaria. Não era mais do que a disposição de uma companhia em formação de combate (embora pudesse ser constituído por mais de uma companhia, quando o efectivo destas era diminuto, ou por metade da companhia, quando o número de elementos fosse elevado – caso da companhia do general Dinis de Melo de Castro nesta batalha). De um modo geral, cada batalhão tinha uma profundidade de três ou quatro fileiras, apresentando cada fileira 20 elementos de frente; os números podiam variar de acordo com o efectivo disponível.

<sup>12</sup> D. João da Silva (1630-1712) era tenente-general da cavalaria à época da batalha de Montes Claros. Um militar brilhante, considerado o melhor general da cavalaria portuguesa num relatório britânico de 1666, foi enredado em intrigas e afastado do posto após a batalha de Montes Claros. Saiu do processo que lhe foi movido com a reputação limpa. Todavia, desgostoso com o tratamento que recebera, recusou voltar a servir no exército.

<sup>13</sup> William Sheldon, tenente-coronel do regimento inglês de infantaria comandado honorificamente pelo Conde de Schomberg. Morreu na batalha de Montes Claros, em combate singular com o

ingleses, não tendo ele então nada para fazer por motivo do regimento, do qual ele era também tenente-coronel, estar então em Elvas, eles estiveram fora 2 dias antes de regressarem e trazerem cerca de 8 ou 10 prisioneiros, os quais disseram que o seu exército consistia em 6.000 cavaleiros e 12.000 infantes, o que estava de acordo com uma proclamação que o Marquês de Caracena tinha ordenado que fosse proclamada por todo o seu Exército logo à sua chegada à vila de Borba. Nós deslocámos todo o exército de cavalaria nessa noite para o nosso quartel-general, Estremoz, excepto aquele grupo que foi com Dom João da Silva. A 10 do corrente todo o corpo da nossa cavalaria saiu outra vez em direcção ao inimigo, o qual então estava perante o castelo de Vila Viçosa, tendo eles então tomado a vila com muito pouca resistência ou perda. Nós fizémos alto a cerca de uma milha e meia de Estremoz durante cerca de 2 horas, após o qual tempo toda a cavalaria francesa e inglesa e parte da portuguesa tiveram ordem para regressar aos respectivos alojamentos, que estavam [a] 4, 6, 8 [e] 10 léguas. Esta ordem surpreendeu bastante muitos de nós, sendo que nós devíamos levar connosco provisão para 6 dias. Nessa noite viemos para os nossos alojamentos em Fronteira, a 4 léguas do quartel-general. Todo este tempo o inimigo tinha feito os aproches em direcção ao castelo e tinha começado as suas baterias, a sua artilharia disparou dia e noite, a razão [sic] para a dispersão daquela cavalaria foram duas, uma foi para defender o país<sup>14</sup> para o carregamento de provisão para o quartel-general, a outra para o acompanhamento da infantaria desde as suas várias guarnições até Estremoz. A 12 do corrente, o regimento da cavalaria inglesa acompanhou 6 regimentos de infantaria que vieram de Portalegre para Sousel, uma vila onde estava o regimento do Conde de Maré<sup>15</sup>, que aí os recebeu e acompanhou para Estremoz, um deles era o regimento do coronel Pearson e nessa noite regressámos aos nossos alojamentos. A 14 tivemos ordens para nos apresentarmos em Estremoz, onde chegámos nessa noite, quando toda a força que o Rei de Portugal podia juntar se encontrou então, a qual era [ ]<sup>16</sup> infantaria e outra tanta cavalaria<sup>17</sup>. O inimigo, por esta altura, tinha feito um muito grande progresso no seu ataque ao castelo, bem maior do que poderia ser suposto por nós num lugar tão impregnável como este. A 14 do corrente o inimigo tinha feito os seus aproches à paliçada<sup>18</sup>, e aí se entricheiraram e forçaram os portugueses a abandonar aquelas trincheiras. A 15 atacaram a

---

tenente-coronel de um regimento de suíços ao serviço da Coroa de Espanha. Cf. CHILDS (1976), p. 238, e DUMOURIEZ (1807), p.73.

<sup>14</sup> O termo “país” é aqui utilizado num senso muito comum na época, significando uma determinada região.

<sup>15</sup> Coronel francês, comandante de um regimento de cavalaria, entrou ao serviço da Coroa portuguesa com a sua unidade em 1664. Regressaria a França em 1666, em conflito com o Conde de Schomberg.

<sup>16</sup> Espaço em branco, no original.

<sup>17</sup> Aparentemente, o autor ainda desconhecia o real efectivo do exército no momento em que elaborou a relação. Segundo o Conde de Ericeira, o exército português contava 15.000 infantes e 5.500 cavaleiros. ERICEIRA (1946), IV, p. 289.

<sup>18</sup> “Stocados”, no original.

contra-escarpa, no que receberam um revés com uma muito grande perda, cerca de 25 ou 30 oficiais reformados foram mortos, para além de 400 homens, todos eles estrangeiros e a maior parte deles Irlandeses. A 17 do corrente todo o nosso exército, tanto cavalaria como infantaria, marchou de Estremoz em direcção ao inimigo por volta das 8 da manhã, e cerca das 10 descobrimos o inimigo formado em batalha<sup>19</sup> antes que nós pudéssemos marchar para o nosso posto. A nossa artilharia, em dois lugares, estava a disparar sobre o inimigo. A infantaria e cavalaria inglesas receberam ordem para estar na primeira linha e na frente do exército foi mandado fazer alto. O nosso regimento de cavalaria e 3 regimentos de cavalaria francesa, com o Conde Schomberg<sup>20</sup>, Conde Maré e Monsieur<sup>21</sup> Briquimont, tiveram ordens para marcharem para a ala esquerda e foram colocados na 3ª linha, mal tínhamos conseguido chegar à nossa posição quando as nossas 2 primeiras linhas foram desfeitas em pedaços. A primeira eram portugueses, homens do Conde de S. João<sup>22</sup>, e a outra era a cavalaria da guarda do Conde de Schomberg em casacas vermelhas e cruces brancas<sup>23</sup>, eles vieram para trás em grande desordem e confusão, posto que alguns deles chegaram a Estremoz antes que tivessem olhado para quem vinha atrás deles, eles foram carregados pela cavalaria alemã, toda vestida com casacas beges, nenhum homem em todo o mundo poderia carregar ou carregava com maior coragem do que eles<sup>24</sup>, um destes regimentos tinha sido do Príncipe Rupert quando ele serviu na Alemanha<sup>25</sup> e vários daqueles estandartes que Sua Alteza tinha dado ao regimento foram

<sup>19</sup> Ou seja, disposto no terreno em formação de combate.

<sup>20</sup> Quer dizer, o regimento de cavalaria francesa do qual o Conde de Schomberg era também coronel honorário, mas cujo comandante era o major Solomon.

<sup>21</sup> "Mounseir", no original. Briquimont chegara com o seu regimento a Portugal em 1663.

<sup>22</sup> O autor refere-se à cavalaria de Trás-os-Montes, província cujo governador das armas era o Conde de S. João da Pesqueira, D. Luís Álvares de Távora. As companhias daquela província setentrional foram colocadas na primeira linha da ala esquerda, formando seis batalhões sob o comando do comissário geral Bernardino de Távora. Toda a primeira linha de cavalaria daquela ala estava a cargo do general Pedro César de Meneses e do tenente-general Francisco de Távora. Cf. ERICEIRA (1946), IV, pp. 290-291.

<sup>23</sup> A segunda linha de cavalaria era comandada pelo tenente-general D. António Maldonado, sendo constituída pelo regimento francês de Schomberg, comandado pelo coronel Briquimont, e pelas companhias de cavalaria da Beira, sob o comando do comissário-geral Paulo Homem. Cf. ERICEIRA (1946), IV, pp. 290-291.

<sup>24</sup> Tratava-se dos regimentos alemães de cavalaria ao serviço da Coroa de Espanha. A cavalaria estrangeira do exército do Marquês de Caracena era comandada por Alexandre Farnésio, Duque de Parma. A referência à uniformização com casacas beges também pode significar que os cavaleiros estavam equipados somente com casacas de couro, sem a couraça (peito e espaldar), pois o termo "buff" é por vezes utilizado para designar um tom da coloração daquele tipo de protecção.

<sup>25</sup> O Príncipe Rupert, Conde Palatino do Reno, Duque da Baviera e de Cumberland (1619-1682), era sobrinho de Carlos I de Inglaterra (daí ser referido como Sua Alteza no manuscrito), tendo servido durante algum tempo na Guerra Civil Inglesa como general da cavalaria Realista. Os desaires da guerra levaram-no a ser banido de Inglaterra. Após a reconciliação com o tio, em 1647, assumiu o comando de uma esquadra Realista, com a qual se dedicou a acções de corso. A presença da sua esquadra no Tejo em 1650 levou a um bloqueio naval de Lisboa por parte da marinha de guerra Parlamentarista.

capturados. As 2 primeiras linhas, tendo sido totalmente derrotadas, fizeram o combate aparentar bastante mal no nosso flanco e de tal modo que muitos dos nossos oficiais generais cavalgavam o mais rápido que podiam para Estremoz, o que teria feito perder a batalha se não tivesse havido outro motivo além da falta de oficiais às ordens<sup>26</sup>, dos quais nós não vimos nenhum em quase duas horas após o combate ter começado. O Marquês de Marialva, nosso general, esteve nesse dia muito activo e eu tenho a certeza que ele teria sido o último homem que teria abandonado o combate, com o Conde Schomberg, o qual, vendo a nossa ala esquerda nesta condição, não pôde imaginar o que fazer senão mandar saber onde estavam os Ingleses naquele momento, e logo a seguir ele viu o inimigo ser parado e num instante repellido para as suas primeiras posições, pois tão cedo que nós conseguimos aperceber os nossos homens que foram batidos passar entre os nossos intervalos<sup>27</sup>, e a poeira e fumo dissipados, logo nós e o inimigo estávamos cabeça de cavalo contra cabeça de cavalo, o inimigo estando numa tão boa ordem como alguma vez eu vira homens na minha vida, o qual imediatamente descarregou o seu fogo sobre nós, então nós lhes demos os nossos agradecimentos em retribuição, no fumo do qual eles desapareceram, mas tão cedo isto foi feito quando um batalhão fresco nos atacou, o qual também [foi] derrotado e empurrado para além da sua primeira posição, de modo que, por fim, fomos dar a um círculo com o inimigo por todos os lados, e não tivéssemos nós feito um súbito alto<sup>28</sup> teríamos ficado completamente desfeitos. Uma formação<sup>29</sup> inteira do inimigo

<sup>26</sup> Quer dizer, os oficiais superiores ajudantes dos cabos superiores do exército, como era o caso dos sargentos-mores e batalha e dos tenentes de mestre de campo general, cujas funções eram semelhantes às que mais tarde couberam a ajudantes de campo. Em Montes Claros havia quatro sargentos-mores de batalha: Diogo Gomes de Figueiredo (filho), João da Silva de Sousa, Miguel Carlos de Távora e o francês Jacques de Balandrié (ou Balandrin, como surge em alguns documentos, e no caso vertente), além do mesmo número de tenentes de mestre de campo general. Outras fontes dão conta do empenho destes oficiais no calor dos combates, o que pode explicar a estranheza do anónimo autor da relação por não ter recebido ordens superiores a partir dos oficiais ajudantes dos cabos superiores do exército. A situação pode indiciar uma das consequências da pesada e ineficaz estrutura superior da cadeia de comando, onde as funções de sargento-mor de batalha e de tenente de mestre de campo general se sobrepunham. Por outro lado, a confusão própria do combate e a valoração do desempenho individual no campo de batalha pode ter inibido a percepção destes oficiais em termos de grande táctica, com prejuízo para a manobra do exército. O posto de sargento-mor de batalha fora introduzido em 1663 por sugestão de D. Sancho Manuel, Conde de Vila Flor, apesar de um parecer contrário do Conde de Schomberg. Sobre a estrutura hierárquica do exército português da Restauração, cf. FREITAS (2007), pp. 111-129.

<sup>27</sup> O autor refere-se aos intervalos existentes entre os flancos de cada batalhão de cavalaria e o próximo – os *claros*, como eram designados na linguagem militar coeva estes espaços livres. As várias linhas de cavalaria eram dispostas no terreno numa formação em xadrez, na qual cada batalhão das linhas posteriores ocupava o espaço livre entre os batalhões da linha antecedente, de forma a permitir a retirada dos batalhões amigos e a contra-carregar os batalhões inimigos que viessem em perseguição. Sobre as formações de combate e disposição da cavalaria no terreno, cf. FREITAS (2005), pp. 50-54.

<sup>28</sup> Para os leitores menos familiarizados com a terminologia militar, esclareça-se que “alto” é a paragem numa marcha ou progressão.

<sup>29</sup> O termo “Battalia” que surge no manuscrito é aqui empregue no sentido mais genérico de

quebrou e fugiu através das nossas 4 linhas e marchou para perto da nossa ala direita e na retirada encontrou-se com o regimento francês de infantaria do Conde Schomberg, o qual os fez pagar pela fuga. O Conde Schomberg, vendo o que nós tínhamos feito, gritou [“]o campo será nosso[“]<sup>30</sup>. Nós, apercebendo-nos que o inimigo estava muito para trás e por todos os lados, nós rodámos para a esquerda e retirámos para uma formação de infantaria portuguesa que estava uma boa distância atrás de nós, supondo que se o inimigo nos tinha carregado por todos os lados, nós poderíamos escapar com êxito para aquele corpo de infantaria. Mal tínhamos chegado a distância de tiro deles quando eles dispararam sobre nós, supondo que nós éramos o inimigo, por cujo fogo nós recebemos mais estragos por perda de cavalos do que tínhamos tido pelo inimigo, e alguns homens. Por esta altura o inimigo avançava novamente e nós demos-lhe a outra carga com tão grande sucesso e vitória como tínhamos feito antes, e tivéssemos tido nós qualquer oficial general para nos dar ordem para seguir aquela vantagem, o inimigo não teria saído do campo do campo [sic] com qualquer corpo inteiro, mas desde o princípio da peleja até ao fim não conseguimos ver um homem de ordens<sup>31</sup>. O regimento inglês de cavalaria estava dividido em 3 batalhões, entre 80 ou 100 cavalos por batalhão comandado pelo coronel, tenente-coronel e major, na primeira carga nós carregámos o regimento do Príncipe de Parma, que tão galantemente tinha rompido as nossas 2 primeiras linhas, a seguir nós carregámos um regimento de cavalaria alemã comandado pelo coronel Rabat, que foi morto no local, o batalhão do próprio Príncipe de Parma carregou o do major, na qual carga ele teve a boa fortuna e honra de trazer o seu próprio estandarte<sup>32</sup>, também alguns [soldados] dos nossos regimentos trouxeram dois estandartes que tinham sido anteriormente do Príncipe Rupert, diz-se que aquele regimento nunca antes tinha sido derrotado, foi a sua má fortuna encontrar-se com os ingleses. Por esta altura a nossa infantaria inglesa, apesar de muito insignificante em número, levou tudo à sua frente quando números superiores de outros estrangeiros viraram as suas costas em vez das suas faces ao inimigo. Nós não queríamos que pessoas entre nós nos dissessem que as forças inglesas foram totalmente batidas e rotas na esquerda; no entanto, apesar de todos e quaisquer desencorajamentos, a própria inveja nunca terá justa causa para dizer que este grupo, ainda assim, em todas as suas acções não cumpriu mais do que podia ser esperado de tal número de homens e o que é apropriado ser feito pelos súbditos do Rei de Inglaterra, cuja glória e honra, com a ajuda de Deus deve ser conhecida por todo o mundo, para temor dos seus inimigos e a felicidade das

“formação”, não no senso restrito de qualquer um dos termos portugueses correspondentes: *batalha* (formação de piques no interior de um *esquadrão* – outro termo técnico coevo para uma formação táctica da infantaria), ou *batalhão* (formação táctica da cavalaria).

<sup>30</sup> A expressão, que significa “a vitória será nossa!”, remonta à Idade Média, quando um exército vencedor de uma batalha ficava senhor do campo da peleja e aí devia permanecer três dias, para que fosse irrefutável o reconhecimento da sua vitória.

<sup>31</sup> Ver nota 27.

<sup>32</sup> Ou seja, o estandarte do regimento do Príncipe de Parma, que era levado no batalhão comandado pelo próprio Príncipe e que foi capturado.

suas alianças. Esta peleja continuou [por] 6 horas e durante as 2 primeiras todas as considerações levaram a crer que o dia seria dos espanhóis, teria sido infalivelmente assim não tivessem os ingleses, num ápice, parado o curso do inimigo, eu posso legitimamente afirmar que isto é geralmente reconhecido. A cavalaria em ambos os exércitos nesse dia estava formada em 4 linhas e a infantaria [também], a nossa 4ª linha não interveio e a 4ª dos inimigos retirou-se com com um corpo inteiro. Esta batalha foi travada em Montes Claros, uma légua e meia de Estremoz e era muitíssimo perto de Vila Viçosa. A 17 de Junho o inimigo tinha perto de 1.000 cavalos e 2.000 infantes, deixados a sitiar o castelo.

## Bibliografia

### 1. Estudos

- AIRES, Cristóvão (1892), *O Conde de Schonberg. Estudo historico baseado sobre alguns documentos inéditos*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Idem (1897), *Um capítulo da Guerra da Restauração (1660 a 1668) – O Conde de Schönberg em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- CHILDS, John (1975), "The British Brigade in Portugal, 1661-1668", in *Journal of the Society for Army Historical Research*, vol. LIII, pp. 135-147.
- Idem (1976), *The Army of Charles II*, London, Routledge & Kegan Paul.
- Idem (1988), "«For God and Honour»: Marshal Schomberg", in *History Today*, XXXVIII, July 1988, pp. 46-52.
- *Descriptive List of the State Papers Portugal 1661-1780 in the Public Record Office London*, vol. I (1661-1723), revisão do texto e compilação do índice onomástico por J. C. Aldridge, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1979.
  - ESPÍRITO SANTO, Gabriel (2005), *Montes Claros, 1665. A Vitória Decisiva*, Lisboa, Tribuna.
  - FONSECA, Martinho da (1927, coord.), *Elementos bibliográficos para a história das guerras chamadas da Restauração 1640-1668*, sep. de *Arquivo de História e Bibliografia*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
  - FREITAS, Jorge Penim de (2005), *A Cavalaria na Guerra da Restauração. Reconstrução e evolução de uma força militar, 1641-1668*. Lisboa, Prefácio.
  - Idem (2006), "Propaganda, experiência, liderança. Sobre o contributo dos militares estrangeiros ao serviço da Coroa portuguesa, 1641-1668", in *Portugal Militar nos séculos XVII e XVIII até às Vésperas das Invasões Francesas. Actas do XV Colóquio de História Militar*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, vol. I, pp. 237-252.
  - Idem (2007), *O Combatente durante a Guerra da Restauração. Vivência e comportamentos dos militares ao serviço da Coroa portuguesa*, Lisboa, Prefácio.
  - HARDACRE, P. H. (1960), "The English Contingent in Portugal, 1662-1668", in *Journal of the Society for Army Historical Research*, vol. XXXVIII, pp. 112-125.

## 2. Fontes impressas sobre a batalha de Montes Claros

- COLBATCH, John (1700), *An account of the Court of Portugal, under the reign of the present king Dom Pedro II. With some discourses on the interests of Portugal, with regard to other sovereigns: Containing a relation of the most considerable transactions that have pass'd of late between that court, and those of Rome, Spain, France, Vienna, England, &c*, London, Thomas Bennet.
- D'ABLANCOURT, Frémont (1701), *Mémoires De Monsieur D'Ablancourt Envoyé de la Magesté Très-Chrétienne Louis XIV, en Portugal; Contenant L'Histoire de Portugal, Depuis le Traité des Pyrenées de 1659, jusqu'à 1668*, Amsterdam, J. Louis De Lorme.
- DUMOURIEZ, Charles François (1807), *Campagnes du Maréchal de Schomberg en Portugal, depuis l'année 1662 jusqu'en 1668*, Londres, De l'Imprimerie de Cox, Fils, et Baylis.
- ERICEIRA, Conde de (1946), *História de Portugal Restaurado*, edição anotada e prefaciada por António Álvaro da Silva Dória, Porto, Livraria Civilização, vol. IV.
- *Relacion verdadera, y pontual, de la gloriosissima victoria que en la famosa batalla de Montes Claros alcançò el Exercito delRey de Portugal, de qve es Capitan General Don Antonio Luis de Meneses Marquez de Marialua, Conde de Cantañede, contra el Exercito delRey de Castilla, de qve era Capitan General el Marquez de Caracena, El dia diez y siete de Iunio de 1665. Con la admirable defensa de la plaça de Villa Viciosa*, Lisboa, Officina de Henrique Valente de Oliuera, 1665.